

coração de dragão

sherrilyn kenyon

Tradução de Rita Carvalho e Guerra

Em memória de Vanessa Delagarza, e de todos os que amámos e nos deixaram demasiado cedo. Sentimos saudades vossas, mas viverão para sempre nos nossos corações.

Aos meus amigos e leitores que encheram o meu coração de amor e alegria. Muito obrigada por serem parte da minha vida... a melhor parte.

À minha editora, revisora, agente e à equipa da Macmillan e da Trident por todo o trabalho árduo que realizam por mim. Muito, muito obrigada!

E como sempre, um obrigado especial à minha família por me tolerar e aos meus modos ausentes quando se aproxima o final de um prazo. Em especial por ser tão compreensiva quando me afasto a meio de uma conversa porque acabo de «ter uma ideia». Adoro-vos a todos!

Prólogo

Arcádia, 2986 a.C.

SERÁ isto a morte ou o inferno?

Maxis rosnou ao irmão, enquanto se esforçava por carregar Illarion da masmorra imunda onde este estivera encarcerado durante mais semanas do que as que conseguia contar. Maldição, o seu irmão mais novo era pesado para uma criatura que se alimentava, acima de tudo, de ratos do campo e trigo.

Cala-te, ripostou Max com os seus pensamentos. Se não consegues ajudar, pelo menos não me distraias, enquanto tento salvar o teu traseiro escamudo e inútil dos vermes humanos.

Não sei de que te queixas tanto. Os humanos não são assim tão maus. Eu até gosto bastante deles... Sabem a frango.

Apesar do perigo que os rodeava e da raiva amarga que sentia por causa do seu mais recente aperto «encantador» e da traição que ali os colocara, Max teve de reprimir o riso. Só Illarion conseguiria encontrar humor no pior momento imaginável. Por outro lado, era por isso que estava a arriscar a vida, as escamas e as garras para salvar Illarion, quando todos os sentidos de dragão que possuía lhe diziam que abandonasse o irmão e se preocupasse com o seu próprio traseiro amaldiçoado.

Não estás a tornar isto mais fácil para mim.

Desculpa. Illarion tentou usar as pernas humanas para andar, mas os apêndices fracos e pouco familiares cederam por baixo dele. *Como é que eles*

se conseguem equilibrar nestas coisas fininhas? Franziu o sobrolho a Max. Como é que tu consegues?

Pura garra... e a vontade determinada de viver o suficiente para apanhar quem lhes havia feito aquilo e matá-los a todos.

E depois de todos aqueles demónios se darem a tanto trabalho para te apanhar as unhas. Sentir-se-iam tão dececionados por verem que os seus esforços foram em vão.

Max suspirou de frustração. Juro pelos deuses, Illy, se não paras com os disparates, deixo-te aqui.

Com a expressão mais séria, Illarion cerrou a mão em torno do cabelo louro, comprido e emaranhado de Max e obrigou-o a cruzar o olhar com o seu. Vai, irmão. Assim, não sou mais do que uma âncora que te prende e à tua liberdade, e ambos o sabemos. Juntos, seremos apanhados. Sozinho, terás uma hipótese de voltar a ver a luz do dia.

Apertando os braços em torno do frágil corpo humano do irmão, Max fixou o seu olhar no de Illarion. Era tão estranho ver uns olhos azuis humanos a fitá-lo e não os normais olhos amarelos, serpentinos, do irmão. Fitar o rosto de um homem e não de um dragão. O que lhes fora feito, contra a sua vontade, era errado em tantos aspetos.

Sem a sua autorização, tinham sido enfeitizados, capturados e fundidos com uma alma humana que nenhum deles compreendia ou usava confortavelmente.

Num dia eram Drakos plenos, no outro...

Humanos.

Mas embora não mantivessem a mesma forma, tinham o mesmo coração e o mesmo espírito. E uma coisa nunca, mas *nunca* mudaria.

Somos drakomai! E não abandonamos os nossos kinikoi. Tu sabes isso!

Podiam não se juntar em comunidades habitacionais, ou partilhar domicílios, uma vez alcançada a maioria, mas quando o Grito de Bane soava, estavam obrigados pela honra a ouvi-lo e a combater lado a lado até derrotarem todas as ameaças...

Ou a morte os separar.

Illarion estremeceu ao tropeçar e cair, arrastando Max consigo. *Porque nos fizeram eles isto? Não basta que nos cacem e matem por desporto? Que nos tenham escravizado durante séculos? Que mais querem da nossa espécie, os vermes humanos?*

Max não falou, enquanto ajudava o irmão a levantar-se e cambaleava com ele em direção à estreita abertura que, esperava, os conduziria à floresta

onde poderiam encontrar abrigo. A resposta não confortaria Illarion, tal como não o confortava a ele. Pelo contrário, irritava-o infinitamente.

Tinham sido uma experiência sem dó nem piedade para que o rei Lycaon pudesse salvar os seus filhos, inúteis e choramingas, que tinham sido amaldiçoados pelo deus Apolo a morrer aos vinte e sete anos. Ainda que Max pudesse respeitar o desejo do homem de não perder os filhos por causa de uma maldição que nada tinha a ver com a família do rei, mas que era devida a um rancor antigo que o deus mantinha em relação à linhagem da rainha, não lhe agradavam os métodos pelos quais Lycaon esperava alcançar a cura.

Ainda se recordava da imagem do feroz deus acadiano Dagon na sua armadura enegrecida quando o encurralara com os seus poderes arcanos.

«Calma, Drakos», sussurrara o deus, enquanto Maxis lutava contra ele e fazia os possíveis por afastá-lo. «Vais agradecer-me pelo que estou a fazer. Vou tornar-te melhor. Mais forte.»

Mas aquilo não era nenhuma dessas coisas. Nunca se sentira tão fraco ou vulnerável.

Tão perdido.

E o pior tinha sido acordar à frente do seu «gémeo». Um macho humano idêntico a este corpo cuja alma fora, de algum modo, fundida com a sua. Ao contrário de Max, o humano não tinha sido suficientemente forte para sobreviver ao feitiço que Dagon usara neles. Provavelmente, porque Dagon não se dera ao trabalho de descobrir que tipo de *drakomai* Maxis era antes de lançar a sua magia.

A magia nunca funcionara bem na raça amaldiçoada de Max. Fora esse o intuito da sua conceção original e fora por isso que tinham recebido os seus deveres sagrados.

O humano fraco falecera uivando de agonia algumas horas depois de o feitiço ter sido lançado, enquanto o seu corpo tentava assumir a forma de um dragão. Ainda que não tivesse gostado da transição para humano, Max havia sobrevivido.

Por pouco.

Só gostava de conseguir controlar o impulso que o fazia saltar entre as formas humana e de dragão. Aquelas transições horríveis ocorriam a intervalos irregulares, sem aviso. Algo que o mantinha preso ao chão, por ora, dado que a última coisa que queria era estar no ar quando as suas asas se transformassem em braços e o fizessem mergulhar dos céus.

— Estão ali!

Max silvou ao ouvir os humanos atrás de si. Tentou usar sobre eles os seus poderes, mas naquela forma...

Inúteis.

Os olhos de Illarion abriram-se em pânico. *Vai! Deixa-me.*

Nunca! Prefiro morrer ao teu lado a tentar, do que sacrificar a tua vida para salvar a minha. Não te deixarei, irmãozinho.

Uma lágrima solitária correu pelo rosto ensanguentado de Illarion, ao mesmo tempo que eram alcançados pelos humanos, sobrepujados de novo e acorrentados como os animais que eram. Max lutou o melhor que podia. Mas dado que não sabia, realmente, como usar o seu corpo humano, de nada serviu.

Em poucos minutos foram arrastados para a jaula escura e imunda, onde outras espécies aguardavam pelo mesmo destino horrendo.

Experiências para deuses e homens.

Enojado e furioso, tomou o irmão nos braços e protegeu-o o melhor que podia, enquanto as criaturas miseráveis à sua volta uivavam, suplicando por misericórdia e clamando pela morte.

O que será de nós, Maxis?

Sinceramente? Não fazia ideia. Mas uma coisa era-lhes perfeitamente clara. *Somos drakomai. Somos kinikoi. E nem que tenha de matar todos os humanos e deuses no universo, em cima e em baixo, juro-te, irmãozinho, voltarás a voar pelos céus azuis, como nascemos para fazer, e ambos viveremos livres deles e das suas perversas maldições. Ninguém nos irá impedir.*

No entanto, mesmo enquanto dizia aquelas palavras, sabia o mesmo que Illarion. Algumas coisas eram muito mais fáceis de dizer do que de fazer.

E independentemente da intenção ou da emoção profundamente sentida, nem todas as promessas podiam ser mantidas. Ela mesma uma deusa ciumenta, Fado era uma cabra cruel, amarga, que muitas vezes fazia dos homens e dos animais mentirosos. Nunca favorável à misericórdia, nunca o mostrara a qualquer um deles ou aos da sua raça.

— Está vivo?

Max estacou ao ouvir o som da voz do rei de Arcádia, enquanto o velho se aproximava da jaula ferrugenta. Era um tom rouco que Max aprendera a reconhecer, para seu profundo lamento.

— Sim, Majestade. Os dois animais que foram fundidos com os príncipes sobreviveram e estão intactos. Deveremos matá-los agora?

Max sentiu-se gelar.

— Não! — bradou o rei. — Também eles são meus filhos. Ainda que

tenham nascido animais, partilham a minha linhagem real, quer os seus corações sejam os dos meus filhos ou os de uma criatura irracional que com eles se fundiu. São tudo o que resta da minha preciosa Mysene, e jamais a desonrarei. Trá-los até mim para que possa abraçar o meu sangue e o da minha rainha caída. Quero conhecer o meu filho-lobo e o meu filho-dragão e dar-lhes as boas-vindas a este mundo.

Capítulo

UM

Santuário
Nova Orleães, 2015

— **SABES**, a sério, alguém devia rodear este sítio todo com uma vedação de arame farpado e declará-lo um asilo de loucos.

Max fungou perante a tirada seca de Dev Peltier enquanto pousava o tabuleiro de plástico com os copos lavados sobre a bancada para que Aimee Kattalakis os pudesse arrumar. Com o cabelo louro, alguns tons mais claros do que o de Max, Dev era um dos poucos machos do Santuário a ser também mais musculoso.

Fazendo uma pausa atrás do balcão, ao lado de Dev, Aimee envolveu a cintura do irmão com um braço longo e gracioso, e torceu o nariz.

— O termo correto é Instituição de Cuidados Mentais. Tens de acompanhar os tempos, seu velho urso das cavernas.

Max deu uma gargalhada perante o humor rápido da fêmea urso-homem. Uma coisa era certa em relação à irritadiça proprietária do bar, Aimee mantinha sempre os irmãos e empregados em sentido. Ela afastou-se para ir buscar dois copos à bandeja e pousou-os na prateleira por baixo do balcão do bar enquanto cantava acompanhando a música *metal* que tocava na *jukebox*. Para um urso, tinha a voz de um anjo.

E a loura chata de pernas compridas sempre fora um dos membros preferidos de Max do clã de ursos Peltier desde o dia em que procurara refúgio no famoso *bar 'n grill* Santuário que a família fundara no coração de Nova Orleães.

Ferido e quase morto depois de um terrível encontro com um antigo inimigo, Max caíra no terceiro andar daquele mesmíssimo edifício, aos pés de Aimee. Quando acordara, uma semana depois, ela estava sentada no chão do sótão, ao lado dele, acariciando-lhe as escamas da cabeça, sem qualquer receio da sua forma de dragão e trauteando uma canção de embalar em francês. Sozinha, tinha cuidado dele até ele se restabelecer e ela se assegurar de que Max sobreviveria. A verdadeira profundidade da sua gentileza e compaixão pelos outros nunca deixara de o impressionar.

Não havia transmorfo naquele edifício ou no que lhe estava adjacente que não desse a vida para salvar a dela.

Mas nenhum mais do que o sortudo sacana de cabelo escuro que lhe chamava sua.

Fang Kattalakis aproximou-se da frente do bar e contornou as cervejas especialmente concebidas reservadas para os seus metabolismos «únicos» de transmorfos para lhes dizer que ia trancar a porta da frente. Um ritual que significava que o Santuário estava agora fechado aos humanos durante algumas horas de descanso para os Predadores do Homem. Inclinou a cerveja fortificada na direção de Max.

— Tantos aldeões idiotas, irmão. Tão poucos dragões cuspidores de fogo. Dev deu uma gargalhada.

Pegando na sua cerveja, Max arqueou uma sobrancelha perante o estranho comentário, curioso com o que o havia suscitado.

— Desculpa?

Fang soltou um profundo suspiro de sofrimento enquanto olhava de relance para a sua companheira.

— Gostas muito do Cody? Posso oferecê-lo como sacrifício ao Max? Por favor? — Olhou de relance para Max. — Sei que ele não é nem fêmea nem virgem, mas quão esquisitos são vocês, dragões, em relação a essas coisas?

Não querendo entrar nesses pormenores por várias razões, Max avançou para desmontar e limpar os dispensadores de refrigerantes, ao mesmo tempo que Dev preparava as cervejas.

— Depende do dragão.

Aimee dirigiu um som de censura aos dois.

— Por favor, não matem nem comam o meu irmãozinho. Não quero ter de te ouvir resmungar por causa da indigestão que ele te ia dar, e duvido que o Carson tenha *Rennies* suficientes para curar *essa* azia. Provavelmente seriam necessários metade dos bombeiros da Paróquia de Orleães só para a apagar.

— Raios. — Fang voltou a suspirar. Depois ergueu os olhos, esperançoso.

— Ei, e se eu lançasse acidentalmente pimenta para a tua cara, Max, e por acaso espirrasses, qual era a probabilidade de cuspires fogo para cima dele?

Despejando água com gás para um recipiente metálico, Max abanou a cabeça ao lobo.

— Não funciona assim.

— Então de que serve ter à mão um dragão cuspidor de fogo?

— Tens sempre a Simi — disse Dev. — Com molho *barbecue* suficiente, ela está disposta a comer qualquer coisa. Até um urso irritante.

— Vocês são todos tão mauzinhos. — Franzindo o sobrolho, Aimee pôs a mão no ventre distendido e inspirou fortemente.

Fang teleportou-se de imediato para o outro lado do balcão de modo a apoiá-la.

— Estás bem?

Encostando-se a ele, Aimee sorriu para o marido.

— Os teus filhos estão a brincar como ursinhos que comeram demasiado mel.

Um sorriso de orgulho espalhou-se no rosto dele.

— As pequenas lobinhas são notívagas... como o pai.

Ela fungou.

— Juro, se tiver cachorrinhos, vou transformar-te num tapete de pelo de lobo para o meu quarto.

Fang deu uma gargalhada, depois beijou-lhe o rosto.

— Porque não sobes e descansas? Eu acabo de fechar tudo e de arrumar o bar.

Aimee hesitou.

— Não te preocupes. Não vou, sequer, tentar tratar da papelada. Depois da terrível confusão que fiz da última vez, já aprendi a minha lição e mantivei as minhas patas longe disso. — Fang apontou para a alta Amazona loura que deslizava pelo chão, avançando na sua direção. Uma antiga Predadora da Noite, Samia era a cara-metade, muito melhor e muito mais atraente, de Dev. Ainda que não suportasse a deusa grega que outrora escravizara Samia, Max gostava bastante de Sam, em especial porque ela não falava muito. E nunca lhe fazia perguntas acerca do seu passado secreto — algo que ele apreciava ainda mais.

Tal como Aimee, Sam era compassiva e gentil no que dizia respeito aos outros, fossem pessoas, animais ou uma mistura dos dois.

Mal a gravidez de Aimee fora tornada pública, Sam e Dev mudaram-se de novo para o antigo quarto de Dev na Casa Peltier, para acalmar os receios

de Dev, que se preocupava como uma velha com a saúde e bem-estar da sua única irmã. Não que Aimee precisasse. Com onze irmãos de sangue e ainda mais cunhados e amigos próximos, tinha mais do que a sua quota-parte de machos desejando ajudá-la a erguer qualquer objeto existente no local, e arrancar partes ao marido por ter arriscado a vida dela com uma complicada gravidez híbrida.

— Sam? — pediu Fang quando a Amazona parou junto ao balcão. — Importas-te de levar a Aimee para a cama por mim e assegures-te de que fica confortável?

— Claro. Com todo o gosto. — Sam estendeu a mão enluvada a Aimee. — Vem, querida. Não queres cansar-te demasiado. Precisas de cuidar dos chow-chows que trazes aí dentro.

Aimee rosou, perante o seu pior receio quanto ao possível aspeto das suas crias híbridas de urso e lobo.

— Acabo de te riscar da minha lista de Natal, Sam. Mais alguém?

Dev ergueu as mãos e abanou a cabeça.

A urso lançou-lhe um olhar furioso, depois virou-se para o marido ao mesmo tempo que o gémeo idêntico de Dev entrava para ir pedir uma cerveja fortificada a Fang. A expressão feroz e sedenta de sangue estampada no rosto teria lançado as crianças pequenas a gritar em busca das mães e feito gladiadores experientes molharem a armadura em terror.

Aimee emitiu um som de censura perante tal expressão.

— Fang, assegura-te de que o Dev não mata o Remi enquanto eu estiver a descansar.

Enquanto abria a tampa da cerveja, o urso olhou para ela com um feroz franzir de sobrolho.

— Não sou o Remi... sou o Cherif. Raios, Aims, normalmente és a única pessoa capaz de nos distinguir. Será que a gravidez te soltou algumas células cerebrais?

Aimee mordeu o lábio.

— Desculpa, Boo. Mas com esse franzir de sobrolho com que passaste toda a noite, poderia ter jurado que eras o Remi.

Dev, Remi e Cherif faziam parte de um conjunto de quádruplos idênticos, com o irmão Quinn a fechar o grupo. Sozinhos, os ursos eram do pior. Juntos, eram praticamente invencíveis.

A menos que se fosse um dragão cuspidor de fogo. Não havia grande coisa neste mundo capaz de ameaçar a sua saúde ou bem-estar.

Cherif fungou.

— Pois, bem, de que estavas à espera? Vocês atiraram-me para o piso de cima com o Etienne toda a noite. Ele tem estado a tentar montar os meus últimos nervos como se fosse a única fêmea disponível que viu nos últimos cem anos. Juro, a Mamã devia ter-nos feito o favor, a todos, e comido aquela cria quando nasceu. Pelo menos teria poupado o meu bom humor... e sanidade. É uma sorte não me estarem a arrastar daqui sob uma acusação de homicídio.

— Pronto, pronto. — Dev brindou com ele. — Onde é que está o sacaninha?

— A acabar um jogo de póquer com Eros. Estou a torcer para que ganhe e o deus o atire contra a parede num acesso de raiva. Aí está uma confusão que eu não me importava de limpar.

O olhar de Aimee cruzou-se com o olhar divertido de Max.

— Oh, credo, são horríveis! Ainda bem que gostas do teu irmão.

Max encolheu os ombros enquanto lavava os bicos dos dispensadores de refrigerantes e os recolocava no lugar.

— O que posso eu dizer? O afastamento ajuda, sem dúvida, a aumentar o sentimento, e a culpa de o ter deixado trancado num reino infernal durante mil anos significa que tenho de tolerar todos os hábitos irritantes que Illarion possui, com a mais absoluta paciência.

Ela deu uma palmada no estômago de Dev.

— Vês como os dragões são espantosos? Devias estar a tirar notas.

— Como queiras. Tranca Etienne e Remi num reino infernal durante mil anos e prometo que serei simpático com eles quando voltarem.

Fang deu uma gargalhada.

— Desiste, Aimee. Esta não vais ganhar.

— Estás mesmo a tomar o lado dele?

Fang empalideceu.

— Hã, não. Nunca. Não sou um lobo burro e não tenho qualquer desejo de dormir na casota do cão esta noite.

Num gesto brincalhão, ela abanou um dedo à frente dele antes de lhe tocar no nariz e de lhe dar um beijo.

De súbito, ouviu-se um estrondo sonoro no piso superior que dizia que talvez Cherif tivesse conseguido o seu desejo e Eros tivesse matado Etienne por este o ter vencido. Mas não foi o ruído inesperado que fez eriçar os pelos na parte de trás do pescoço de Max. Era uma fissura no ar que já não sentia há séculos. Uma que lhe percorreu a coluna como uma trituradora.

Todos os sentidos que possuía estavam em alerta.

Não. Não era possível...

Não podia ser.

Faltou-lhe o fôlego quando viu um Serre ensanguentado a descer as escadas, seguido por um grupo de mulheres pequenas que envergavam os atavios e armaduras de uma raça há muito desaparecida. Ainda que o Santuário estivesse fechado aos humanos a partir das quatro e meia da manhã, permanecia aberto vinte e quatro horas por dia para qualquer criatura sobrenatural que necessitasse de um abrigo seguro para descansar de uma batalha. Limanis¹ como aquele sempre haviam sido poucos e distantes entre si e, no século XXI, restava apenas uma mão-cheia intacta e operacional.

Como precaução para impedir que os humanos descobrissem acidentalmente as suas raças sobrenaturais e tivessem um ataque de nervos, a família de ursos Peltier tinha todo o edifício protegido. Qualquer pessoa que ali entrasse por magia só o poderia fazer no terceiro andar, onde estava sempre um segurança transmorfo.

Naquela noite, o dever coubera a Serre Peltier. Tão louro quanto os seus irmãos e irmã, era uma versão ligeiramente mais pequena dos quadrigémeos, o que significava que era ainda maior do que a maior parte das criaturas. Ainda assim, isso não o impedira de levar uma tarefa das Arcadianas recém-chegadas que o espancavam à frente do grupo.

Aquilo não era propriamente cumprir os *eirini*, as chamadas leis da paz, que Savitar e o Omegrion tinham definido para as suas espécies.

Loura e feita para matar, a líder do pequeno grupo de mulheres agarrou em Serre pelo cabelo curto e ergueu-lhe a cabeça para revelar ao grupo o rosto espancado. Tinha um *kopis* grego antiquado, que encostou à garganta dele.

— De quem é este lugar?

Quando Aimee avançou, Max, os irmãos e o marido colocaram-se à sua frente para a proteger e aos bebês que ainda transportava no ventre. Era óbvio que aquele grupo de seres sobrenaturais estava ali para fazer a guerra e não para paz nem tréguas.

Fang avançou de modo a ficar cara a cara com a guerreira enquanto Max protegia Aimee.

— É o meu irmão que tens aí. Sugiro que o largues ou perderás a cabeça. Ela dirigiu ao corpo de Fang um olhar de desdém.

— Sou Drakaina Arcadia e não lidamos com raças inferiores. Afasta-te, *animal*.

Sam colocou-se ao lado de Fang. Com as mãos enluvadas nas ancas, fitou as mulheres com a hostilidade aberta de alguém preparado para o combate.

¹ Limani ou Santuário, como referido em obras anteriores. (N. de T.)

— E eu sou Samia, *basilinna* das Cavaleiras de Thurian, neta de Hipólita, que era filha de Ares. Apresenta-te.

— Nala, *basilinna* das Drakaina, a favorita de Ares, Ártemis e Atena. Samia fungou com desdém.

— Não estou impressionada. Agora liberta o meu querido irmão ou sofrerás toda a minha raiva e provarás da minha lâmina testada em combate.

Nala apertou o cabelo de Serre ainda com mais força. A dor deve ter sido violenta, dado que, um instante depois, Serre transformou-se, assumindo involuntariamente a sua forma nativa de urso. Algo que acontecia apenas quando os Katagaria sofriam uma dor extrema ou um choque elétrico.

Sam fez aparecer o seu bastão. Os homens avançaram para atacar o grupo enquanto Aimee se lançava em frente na direção de Serre.

— Esperem!

Todos os olhos se dirigiram às escadas e, durante um minuto inteiro, Max manteve-se absolutamente imóvel enquanto a marca na sua mão aquecia e ardia em resposta ao seu surgimento. Todo o corpo dele ganhava vida como já não acontecia há mais séculos do que aqueles de que se conseguia recordar.

O dragão dentro de si salivava e devorava a sua forma humana tão depressa que Max quase não conseguia manter a forma.

Lutou por respirar. Se se transformasse num dragão naquele preciso momento, destruiria metade do bar. Era demasiado grande no seu corpo nativo para mudar de forma ali e agora.

Mas não era fácil permanecer humano...

Não quando a besta dentro de si era atingida daquela maneira. Não quando queria sangue.

O sangue *dela*.

Como uma grandiosa rainha envolta num manto de penas vermelhas, castanhas e douradas, uma figura voluptuosa e sensual, uma beldade de cabelo ticiano desceu as escadas. O elmo vermelho cobria-lhe o rosto, formando um bico afiado que lhe mergulhava os olhos nas sombras.

Mas ele conhecia a cor deles. De um verde assombroso, escaldante, salpicado de dourado. Cheios de uma inteligência arrojada. Eram capazes de o fitar com um desdém que lhe fazia mirrar os tomates.

Seraphina das Cavaleiras Drakaina-Citianas. Voluptuosa. Apaixonada. Como odiava cada inspiração dela.

As Amazonas afastaram-se para a deixar passar, de modo a alcançar a rainha. Aos humanos, a sua armadura parecia de bronze, pintada com

escamas. Mas não era. Aquelas eram as escamas preservadas e curtidas dos dragões Katagaria que havia chacinado, e marcavam-na como uma das mais violentas caçadoras de dragões da sua tribo.

A cavaleira campeã da sua rainha.

Seraphina bateu no peito em saudação e baixou a cabeça.

— Perdoai a minha interrupção, *basilinna*, mas talvez eu possa ajudar?

Nala hesitou.

— Ele está cá?

— Não, minha *basilinna*. Temo que o vosso informador vos tenha mentido. Eu saberia se o meu companheiro aqui estivesse.

Nala praguejou e pontapeou as costelas de Serre. Com um agitar do seu vibrante manto vermelho, fitou Seraphina.

— Vou esventrar aquele demónio. — E, dito aquilo, conduziu as suas guerreiras de novo pelas escadas.

Seraphina ficou para trás enquanto partiam. Era verdadeiramente idiota mentir à sua rainha. Sabia-o e, no entanto...

Varreu com o olhar os homens ali reunidos. O de cabelo cor de corvo não era, sem dúvida, o Drakos que procurava. Pelo seu cheiro fétido, sabia que era um Katagari nascido lobo. Os restantes eram todos louros. Todos exceccionalmente elegantes e bem constituídos. Dois eram gémeos. Não podiam ser o seu Maxis. Esses, tal como aquele que respirava com dificuldade enquanto de novo assumia a forma humana e se erguia, eram ursos.

Assim, restava apenas um.

Também ele envergava estranhas roupas — não as de um Drakos guerreiro ou tradicional. O seu cabelo de um louro escuro estava cortado *muito* curto, mas quando os seus olhares se cruzaram, ela reconheceu as feições masculinas perfeitamente cinzeladas. O maxilar forte, rígido e que não cedia. Aquela expressão de desafio feroz que a trespassava com a sua orgulhosa arrogância. Um orgulho que sempre a desafiara, indo contra as tradições e a cultura dela.

A mão de Seraphina aqueceu com aquele ardor familiar. Algo que só acontecia quando os dois companheiros se reuniam de novo depois de uma longa separação.

Determinada, avançou na direção dele, mas o seu caminho foi bloqueado pela outra Amazona ali presente.

Samia apontou para as escadas.

— Tens de partir com a tua tribo.

Seraphina abanou a cabeça.

— Têm aqui algo que me pertence.

Samia erguia-se, determinada e firme.

— Não há aqui nada para ti.

— Oh, sim, há. — Seraphina ergueu a palma da mão para que Samia visse a marca do dragão aí gravada. — Vim buscar o meu companheiro.

Capítulo

DOIS

MAX praguejou quando aquelas palavras trespassaram o silêncio imediato e ecoante na sala. Toda a atenção se centrou imediatamente nele, ao mesmo tempo que as bocas se abriam numa sincronia cómica.

Antes que Max conseguisse pensar em sair, Dev pegou-lhe na mão e confirmou a existência de uma marca igual. Emitindo um som de censura, abanou a cabeça numa repreensão condescendente.

— Maxy! Tens umas explicações a dar!

Max empurrou Dev devido àquela má imitação de Ricky Ricardo. Dev deu uma gargalhada animada. Não havia nada que irritasse verdadeiramente aquele enorme sacana.

Aimee afastou-se do local onde se encontrava, para verificar o estado do nariz reventado e do lábio ensanguentado de Serre.

— Isto é verdade, Max? Estás realmente acasalado com... *ela*? — Tendo em consideração a sua hesitação, era óbvio que tivera de se esforçar para utilizar um termo mais educado.

Com um suspiro cansado, Max acenou lentamente com a cabeça.

— Sim, os deuses odeiam-me. E têm um sentido de humor retorcido. —
Donde a prova viva à sua frente.

Tinham-no acasalado com *ela*.

Ele que nascera verdadeiramente um dragão com uma Arcadiana que nascera para matar dragões.

Cherif fungou.

— Bem, isso explica o mistério em relação à tua falta de interesse pelas mulheres durante todos estes anos. Presumíramos apenas que eras gay.

Max dirigiu-lhe um sorriso divertido e irritado.

Na verdade, teria preferido ser homossexual a ser forçado àquele celibato involuntário. A pior praga da sua espécie era o facto de os machos que haviam encontrado companhia serem fisicamente incapazes de dormir com qualquer outra fêmea para além da sua. A partir do momento em que as Parcas lhes atribuíam uma parceira, não podiam tomar outra enquanto a sua companhia fosse viva. O derradeiro laço entre os pares.

No dia em que abandonara a sua esposa, sabia exatamente aquilo de que estava a abdicar. O preço que iria pagar pela sua liberdade e sanidade... o que dizia muito em relação à absoluta falsidade e inferno que era o seu casamento.

Assegurando-se de que mantinha o rosto inexpressivo, cruzou os braços sobre o peito.

— O que estás a fazer aqui, Sera?

— Precisamos de falar... A sós.

Sim, pois. Fui para a guerra para me treinar para o meu casamento... «A sós» para os dois nunca tinha funcionado muito bem para nenhuma das partes.

A menos que estivessem nus e ela estivesse com o cio.

Infelizmente, isso acontecia apenas duas vezes por ano, e era visível na postura irritada dela que ele não ia ter sorte naquela noite.

A menos que ela o esventrasse. Isso poderia ser considerado um passo em frente em relação à sua atual situação de celibato.

Max abanou a cabeça.

— Já disse tudo aquilo que tinha para te dizer há muito tempo.

— As coisas mudaram.

— Eu não mudei, e duvido sinceramente que tu tenhas mudado. Raios, até estás a usar as mesmas roupas que tinhas vestidas da última vez que te vi. E já foram o quê? Três mil anos? Mais ou menos?

Ela lançou-lhe um olhar furioso.

Ele riu-se, amargamente.

— E aí está esse olhar gélido de ódio de que tão bem me recordo. Percebido. Está tudo igual. Agora, as escadas são ali. — Ele avançou para a porta que se abria para a cozinha.

Seraphina teleportou-se através da divisão para lhe agarrar o braço e o

impedir de continuar. Os olhos verde-dourados encantavam-no e enfraqueciam a sua vontade mais do que aquilo que desejava.

— Não, Maxis. É tudo muito diferente. Por favor. Tenho de falar contigo. Ele ergueu uma sobrancelha.

— Uau, essa é uma palavra nova para ti. Não fazia ideia que constava sequer do teu vocabulário. — No passado, ela sempre o tratara como um animal irracional ao qual poderia dar ordens. Um animal que ela tinha de treinar para não fazer xixi no tapete ou roer as pernas à mobília.

Um pouco mais curioso em relação ao que quer que a havia trazido até àquele período temporal, olhou de relance para Fang.

— Se eu estiver morto quando nascer a madrugada, lobo, caça-a e dilacera-lhe a garganta.

— Não quero saber que tipo de sexo tarado praticam os dragões se é preciso vir acompanhado de um aviso *desses*. Fico muito satisfeito por ser um urso que acasalou com uma linda mulher.

Max ignorou o comentário seco de Dev. Também sabia que não devia levar Seraphina para perto do seu jovem irmão, que estava naquele momento a dormir no apartamento no último andar que Max ocupava... em forma de dragão. A última coisa que queria era causar ainda mais mal a Illarion. O irmão mais novo já tinha passado pelo suficiente.

A função de Max era proteger a família.

Nem que fosse da sua própria companhia. E tendo estado acasalado com ela e sido forçado a viver com as da sua raça, sabia exatamente o que as caçadoras de dragões faziam aos dragões. O que pensavam deles. A armadura dela era um tributo sangrento àquilo que o povo dela pensava da espécie dele.

Valiam mais mortos e os seus restos utilizados para decoração, ou ingredientes para as velas e unguentos de beleza.

Por isso optou antes por teleportá-la para a divisão especial no segundo piso que Dev e os irmãos tinham construído para a sua clientela mais rebelde. Completamente à prova de som, garantia-lhes uma privacidade absoluta. Tinha também um escudo que a impedia de utilizar a magia contra ele. Tendo em consideração o que ela lhe fizera da última vez que ele cometera o erro de estar sozinho com ela, tratava-se de uma precaução adequada.

Esperou que ela entrasse antes de acender a luz e fechar a porta da pequena divisão espartana.

Aquilo por que não estava à espera era a reação involuntária das suas hormonas perante a proximidade dela. O doce aroma a rosas da sua pele fazia-lhe arder o sangue e crescer água na boca. Sem que se conseguisse

impedir, começou a rodeá-la enquanto ela se mantinha no centro da divisão, sob a luz que se refletia na armadura e na pele bronzeada como um halo majestoso.

Maldito Hades. Tinha-se esquecido do quão bela podia ser a sua companheira quando não estava a tentar matá-lo e a usar o seu couro para fazer as paredes da tenda. Ela tinha um corpo sensual, intenso, feito para as inúmeras horas de uma maratona de sexo. E uma paixão Amazona ardente que qualquer macho mataria por provar.

O pior? Todas as memórias das horas que haviam passado juntos quando não estavam a combater e a insultar-se mutuamente e às respetivas linhagens jorraram sobre ele. As horas em que os dois tinham estado isolados, na tenda dela, a rir e a brincar.

Maldita fosse a mente dele e a sua incapacidade para esquecer...

Seraphina tentou concentrar-se na razão da sua presença. No porquê de estar tão desesperada por falar com o seu inimigo. Mas Maxis não estava a facilitar. Como podia ela ter enterrado a memória do quão incrivelmente belo e sensual era Maxis? Do quanto a sua presença a afetava?

Do quão feroz e letal. Irresistível. Sedutor. Proibido. Esmagadoramente masculino e primitivo, possuía o magnetismo cru dos Drakos que era impossível a qualquer mulher resistir. Até as raparigas pequenas eram reduzidas a ininteligíveis crises de risinhos na sua presença.

Pior, ele baixara a cabeça e desenhava círculos à sua volta como se fosse uma presa que queria devorar. E isso estava a deixá-la sem fôlego e quente contra a sua vontade.

Ela fitou-o de sobrolho franzido.

— Podes parar com isso?

— Parar com o quê? — A voz profunda de barítono ribombante era um desafio. Ninguém tinha uma pronúncia como a dele. As palavras rolavam-lhe da língua como poesia.

Recusando-se a permitir que ele a enfeitiçasse, ela respondeu ao seu desafio com a mesma dose de ferocidade.

— Tu sabes o que estás a fazer.

Um sorriso sensual e insidioso deslizou-lhe pelos lábios.

— Está a incomodar-te?

Sim. Claro que estava. Era o que todos os machos Drakos faziam para espalhar as suas feromonas irresistíveis e intoxicar qualquer fêmea que desajassem. O passo de predador feroz era igualmente hipnotizante, e ele também o sabia. Nenhuma criatura alguma vez nascida tinha um fascínio sedutor

semelhante ao de um dragão macho adulto. Era parte do que os tornava tão incrivelmente perigosos.

— Preciso de falar contigo.

Ele aproximou-se dela. Pressionando a parte da frente do seu corpo musculoso às costas dela, baixou a cabeça para encostar o seu rosto ao dela. Os pelos ásperos que despontavam brincavam sobre a pele de Seraphina enquanto ele iniciava o lento e rítmico oscilar que os Drakos utilizavam como a sua forma de preliminares. Ela conseguia sentir todos os músculos do corpo de Max tensos e ondulantes enquanto ele a envolvia e puxava contra si.

Oh, pelos deuses...

Como é que eles faziam aquilo? Seria algo com que os dragões nasciam ou agarrariam neles quando eram jovens e ensiná-los-iam? O corpo dela ganhou vida como se estivesse no calor da batalha. Ou deitada nua na cama dele. Era tão intenso que nem sequer foi capaz de protestar quando ele lhe tirou o capacete e o largou no chão. Ou quando lhe libertou o cabelo, fazendo-o cair em redor dos ombros. Tudo o que conseguia fazer era encostar-se a ele e entregar-se àquela dança primitiva e hipnótica.

Sem fôlego, sentiu-o duro contra as ancas enquanto ele lhe envolvia a cintura com um braço e baixava a cabeça para lhe tocar com os lábios no pescoço. Tinha a garganta seca e toda ela ansiava por sentir as mãos dele no seu corpo.

— Também tenho necessidades, Sera.

Fechando os olhos, ela tremeu e odiou a parte de si que respondia instintivamente ao seu toque enquanto ele a acariciava lentamente. Mas essa era a natureza da besta. Ainda que ela e Maxis pertencessem a espécies diferentes de dragões, não deixavam de ser dragões.

Não eram humanos.

Eram uma raça completamente diferente.

Mais apaixonada.

Feroz...

Em todas as coisas.

Ela devia ter percebido que ele não era humano da primeira vez que se haviam encontrado. Normalmente ter-se-ia apercebido, mas, naquela que era a maior fraqueza de toda a sua espécie, estava no auge do seu ciclo reprodutor. Como os humanos, os dragões podiam praticar o sexo sempre que o desejassem, e muitos faziam-no, em especial porque não podiam engravidar até terem encontrado os seus companheiros.

Mas a cada seis meses, as fêmeas entravam num período fértil, altura em

que eram impelidas a acasalar contra toda a razão e sanidade. O impulso era tão forte que lhes era impossível pensar em qualquer outra coisa. Fora o que conduzira a muitos dos mitos que diziam respeito às Amazonas. Uma altura em que desciam às cidades sem qualquer outro objetivo para além de encontrar homens que pudessem saciar os seus desejos animais. Uma altura em que a falta de machos elegíveis, férteis, nos seus próprios clãs as conduzia à guerra com os vizinhos com uma fúria de guerreiras enlouquecidas.

Já era mau para elas antes de as Parcas terem criado os laços de sangue. A partir do momento em que o companheiro estava escolhido e destinado, o desejo para acasalar durante o período fértil tornava-se ainda pior.

Naquela noite, era insuportável.

Incapaz de lhe resistir, ela deslizou a mão pelo cabelo macio dele e puxou contra si os seus lábios.

E quando ele baixou a mão para lhe tocar através da armadura, ela gritou, necessitando dele com uma loucura insuportável.

— Diz-me o que queres — sussurrou-lhe ele ao ouvido.

Mordendo o lábio, ela tomou-lhe a mão e encostou-a ainda mais ao seu corpo.

— Preciso de ti dentro de mim.

Ele tomou-lhe o lóbulo da orelha entre os dentes e mordiscou-o suavemente ao mesmo tempo que esfregava as virilhas inchadas contra a anca dela. Depois pousou um beijo delicado no rosto dela... A sua respiração atormentou-lhe a pele com o seu calor.

Em seguida libertou-a e afastou-se friamente.

Aqueles belos olhos dourados penetraram-na com um ódio gelado.

— Não sou o teu prostituto nem a tua propriedade. Mais do que isso, não sou o teu cãozinho para que me dê ordens.

Chocada e sem fôlego, ela fitou-o.

— Desculpa?

Com a sua própria respiração entrecortada, ele afastou-se ainda mais dela.

— Eu disse-te quais eram os meus termos para o casamento. Uma parceria. Não a escravatura e a servidão aos teus caprichos aleatórios nem às regras arbitrárias da irrazoável lei Amazona. E o que fizeste? Escolheste implacavelmente a tua tribo em vez de a mim. E ainda tenho as cicatrizes.

Seraphina estremeceu enquanto aquela noite de há tanto tempo se repetia na sua memória. Nala quase o havia matado.

— Eu era jovem e estúpida, e sou mulher-dragão suficiente para o admitir.

— Tarde de mais. Prefiro viver a eternidade num celibato monástico do

que sofrer mais um dia com qualquer uma de vocês. Agora vai! As tuas irmãs esperam-te.

A rejeição dele feriu-a mais do que ela alguma vez julgara possível. Não que isso importasse. Ela não estava ali para lhe suplicar que regressasse para a sua cama. Estava ali para lhe implorar por ajuda.

— Não é assim tão simples.

— É simples. Tu e eu estamos acabados. Já aceitei o facto de que não poderei ter outra amante, mas tu és livre para encontrares um outro tolo que possa saciar a tua fome. Agora vai. Não me importunes mais.

Seraphina engasgou-se ao recordar as últimas palavras que ele lhe dissera há tanto tempo, enquanto a fitava com os olhos assombrados pela traição: *Eu disse-te, quando acasalámos, que te daria de bom grado o meu coração, a minha vida e o meu amor, mas que o fazia com uma condição. Que nunca abusasses de mim. O amor não é abuso. E tu magoaste-me pela última vez, minha senhora. Não quero ter mais nada a ver contigo. Nunca.*

Mas o destino forçara-a a regressar a ele.

E não tinha escolha. Precisava da ajuda dele.

Sentiu que a garganta se apertava enquanto pensava na melhor maneira de lhe contar aquilo de que precisava. Ele ia odiá-la ainda mais pelo segredo que ela guardara. E não o podia culpar por isso. Estava tão errada naquilo que lhe haviam feito.

Pelo que ela, pessoalmente, lhe havia feito.

Arcadianos. Katagaria. Em retrospectiva, parecia tudo tão estúpido. E a amarga agonia nos olhos dele nessa noite dizia-lhe exatamente os danos que a sua crueldade havia gerado — as cicatrizes permanentes que haviam sido gravadas na sua alma leal.

Tens de lhe dizer.

Mas como? A raça humana já tinha feito tanto contra ele e os seus irmãos antes mesmo de ela o haver conhecido, e, pelas suas próprias mãos cruéis, fora-lhe feito ainda mais mal. Ele tinha todo o direito de os desprezar a todos.

Para de ser uma covarde. Tens de lhe contar. Ele tem o direito a saber pelos teus próprios lábios.

Sinceramente, não havia uma maneira fácil de o dizer.

Não havia um método rápido ou fácil, nem mesmo gentil.

E enquanto ele avançava para a porta para sair, ela não teve outra escolha senão dizê-lo de rompante.

— Os teus filhos precisam de ti, Maxis. Se não te entregar, matá-los-ão a ambos.